



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às agências Reuters e EFE

Trípoli-Líbia, 30 de junho de 2009

Presidente: Eu penso que para começar essa entrevista seria importante que eu desse algumas coisas que acontecem entre o Brasil e Líbia, algumas coisas que acontecem entre o Brasil e a África e entre o Brasil e o Mundo Árabe, para que daí vocês possam se ver totalmente livres para fazer as perguntas de vocês.

A primeira coisa é que o Brasil tem uma intensa cooperação com o continente africano. Nós temos uma sede da Embrapa, que é a nossa empresa de pesquisa na agricultura e pecuária, que está instalada em Gana. Ela já pesquisou 19 países e está viabilizando 14 projetos (incompreensível), o processamento de biocombustíveis, mandioca, milho, entre outros produtos, com ênfase na capacitação de pequenas (incompreensível).

Estamos fazendo no Mali, e já está funcionando, uma fazenda modelo de algodão, financiada e coordenada pelo Brasil. A primeira colheita será feita em outubro. A ideia é capacitar os países africanos a melhorarem sua competitividade internacional, prejudicada pelos subsídios praticados pelos países (incompreensível). Inicialmente, esse projeto identificará sementes adequadas na África e treinará pesquisadores em Benin, Burkina Faso, Chade e Mali.

_____ : Esses quatro países (incompreensível). São os quatro países que mais sofrem (incompreensível) americanos e europeus (incompreensível).

Presidente: Biocombustíveis. Estão sendo desenvolvidas ações de fortalecimento (incompreensível), de treinamento e capacitação, e de estudos



de viabilidade para a produção de biocombustíveis em países selecionados, inclusive para a seleção da matéria-prima mais adequada para cada país.

Encontra-se em negociação uma declaração conjunta entre Brasil, União Europeia, mais União Africana, sobre a cooperação triangular para a organização da Conferência Internacional de Bioenergia, em 2010, na África.

Saúde: funciona, desde outubro de 2008, o escritório da Fiocruz para a África, em Maputo. O escritório ajuda na montagem e concretização de projetos de cooperação em saúde nos países africanos, particularmente quanto à formação de serviço de saúde nos quadros, e ao fornecimento de insumos, vacinas e medicamentos. A fábrica de medicamentos antiretrovirais em Moçambique deve iniciar a operação no final deste ano.

Capacitação profissional: em parceria com o Senai, o Brasil está instalando um centro de formação profissional em todos os países africanos de língua portuguesa. Já funcionam os centros de Angola e Cabo Verde. O centro de Guiné-Bissau será inaugurado em agosto. Os de Moçambique e São Tomé e Príncipe serão concluídos em 2010.

Universidade: nós estamos criando uma universidade. Essa universidade terá metade de alunos africanos, metade de alunos brasileiros. Nós queremos formar as pessoas na área de gestão pública, engenharia agrônoma e saúde. São as três áreas prioritárias. Nós esperamos concluir essa universidade no próximo (incompreensível).

Uma coisa importante: o comércio Brasil e Líbia, em janeiro de 2003, era de US\$ 31 milhões. Hoje... em dezembro de 2008, já era de US\$ 1 bilhão e 700 milhões. E há um ano o Brasil é deficitário na relação com a Líbia. Nós já fizemos várias visitas aqui. O Presidente da Petrobras já veio aqui, o ministro Celso Amorim veio em 2008, o ministro da Indústria e Comércio veio em 2009, e o meu assessor especial veio (falha na gravação).

A Petrobras concluiu em maio a prospecção sísmica em bloco petrolífero no mar líbio. O primeiro poço já foi (incompreensível). E tem muitas empresas



brasileiras prestando serviços aqui na Líbia. O comércio Brasil é (incompreensível). Em janeiro de 2003, era de US\$ 4,9 bilhões, em dezembro de 2008 foi para US\$ 20 bilhões. Ou seja, desde a primeira Cúpula África do Sul-América Latina, África-América-Latina, as nossas trocas comerciais cresceram 150%.

Jornalista: Países Árabes (incompreensível)?

Presidente: Países Árabes, América do Sul. O melhor mercado brasileiro é a Arábia Saudita. São nossos melhores mercados aqui: Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes. Nós vendemos carne, frango, açúcar, minério, e importamos, sobretudo, o petróleo, adubo. Há três acordos de livre comércio e negociação entre o Mercosul e o Conselho de Cooperação do Golfo, o Egito e a Jordânia.

Por último: comércio Brasil-África. Dia... em 1º de janeiro de 2003 era de 5 bilhões. Em dezembro de 2008 eram US\$ 25,8 bilhões, ou seja, 900 - (incompreensível). Ou seja, cresceu 415%. No ano passado, a África representou 7% do comércio exterior do Brasil. Se fosse um único país, a África seria o quarto maior parceiro comercial do Brasil. As exportações brasileiras saltaram de 2,3 bilhões para 10,2 bilhões e as importações saltaram de 2,6 bilhões para 15,7 bilhões. Em 2008, o Brasil foi o décimo maior importador de produtos africanos. Isso é muito importante. Agora, o Brasil acumula déficit ao longo de todo o período. Em 2008, o déficit foi de 5,5 bilhões. Por conta da crise econômica, este ano houve um decréscimo no fluxo; caiu, mais ou menos, 34%. Os maiores parceiros comerciais do Brasil no continente africano são: Nigéria, Angola, Argélia, África do Sul, Líbia e Marrocos. Os principais produtos exportados pelo Brasil para o continente africano, nos últimos anos, foram: açúcar, veículos, autopeças e carne. E importamos, sobretudo, petróleo.



Jornalista: E carne, não é, Presidente?

Presidente: Carne. Bem, esses números, eles são importantes para mostrar a necessidade e a importância da (incompreensível) para participar da Cúpula Africana. Ou seja, antes o Brasil olhava muito para os Estados Unidos e para a Europa, e nós fizemos o Brasil olhar para o Mundo Africano, e (incompreensível) também, e para o Mundo Árabe, e para a América do Sul e a América Latina. E isso fez com que nós tivéssemos um crescimento extraordinário nas nossas relações comerciais. E ainda está muito aquém daquilo que nós poderemos fazer com os países africanos.

Bem, nós temos defendido, junto aos países ricos, que uma maneira de ajudar os países africanos é a gente fazer projetos de desenvolvimento. Ou seja, não é dar dinheiro, é construir o projeto, seja um projeto industrial, seja um projeto (incompreensível), sobretudo quando o mundo começa a discutir a questão climática e, dentro da questão climática, começamos a discutir uma nova matriz energética.

E o continente africano é um continente que tem potencial de produzir biocombustíveis. Isso poderia ser financiado pelo mundo desenvolvido e comprado pelo mundo desenvolvido. Assim nós estaríamos gerando desenvolvimento no continente africano, estaríamos gerando emprego na África, estaríamos contribuindo para o crescimento da democracia e pela paz na África e, ao mesmo tempo, estaríamos dando ao mundo desenvolvido a oportunidade de ter um combustível que emite menos gás efeito estufa. Produzir biocombustíveis e etanol de outras oleaginosas, como a palma africana, custa menos do que a canola europeia, do que a beterraba europeia e do que o milho americano, porque todos esses são alimentos, e nós poderíamos produzir de alguma coisa que não fosse preciosa para a humanidade, enquanto alimento.



(Incompreensível) trabalho, e muito difícil convencer as pessoas, porque as pessoas não querem mudar. Acontece que todos nós temos dívida com o continente africano. Os europeus, porque grande parte dos países ricos foram colonizadores da África, portanto, devem à África. Brasil e Estados Unidos devem à África, não só nossa cultura, o nosso jeito de ser, mas também porque fomos importadores de escravos, durante séculos. Eu penso que esse processo não pode ser pago em dinheiro, ele tem que ser pago em solidariedade, em desenvolvimento, em criação de oportunidades para o continente africano. Essa é a razão mais forte pela qual estou aqui.

Agora, acho bom vocês fazerem alguma pergunta.

Jornalista: Obrigado, Presidente. Em primeiro lugar, gostaria de dar as boas-vindas da Líbia, nossos (incompreensível) da Líbia e também (incompreensível), o jornal, que é o principal jornal (incompreensível) que é publicado aqui desde a época que o Kadafi era estudante na escola militar, (incompreensível), correspondente da Reuters para a região. Eu gostaria de lhe perguntar sobre as relações entre a Líbia e o Brasil (incompreensível), especialmente entre o senhor e o seu amigo coronel Kadafi.

Presidente: Olhe, eu tenho uma boa relação com o Kadafi há muito tempo. Eu já vim muitas vezes à Líbia, e agora estou esperando que o Kadafi possa visitar o Brasil, já que vamos ter um encontro África-América do Sul na Venezuela, em setembro, é o momento do Kadafi visitar o Brasil.

O potencial das relações entre Brasil e Líbia é muito grande. Um exemplo são os números que eu lhe dei. Ou seja, em cinco anos nós saímos de US\$ 32 milhões de dólares para US\$ 1 bilhão e 700 milhões. As principais empresas brasileiras estão construindo muitas obras aqui, ou seja, aeroporto, anel, o rodoanel aqui, habitações, rodovias.



E, sobretudo, essa troca entre o petróleo e os produtos agrícolas brasileiros, os aviões brasileiros, ou seja, podem crescer de forma extraordinária. Nós estamos apenas começando, e eu acho que esse começo é um bom sinal, e acho que é importante que os investidores líbios visitem mais o Brasil, e que mais brasileiros visitem a Líbia. Ninguém pode guardar a imagem da Líbia do tempo do bloqueio. Nós temos que ter a imagem da Líbia de hoje, um país que tem US\$ 40 bilhões para fazer investimentos em infraestrutura, o que vai mudar a cara do país para muito melhor. Eu já... Eu vim aqui em setembro de 2003, ou seja, já tenho surpresa de ver como Trípoli cresceu, sabe. E eu penso que a Líbia pode daqui a dez, 15 anos, ter um potencial de crescimento extraordinário e o Brasil pode participar desse crescimento, como a Líbia pode participar do crescimento do Brasil. Acho que Kadafi e eu temos a obrigação de acreditar nessa relação e fortalecer essa relação.

Jornalista: (em inglês)

Presidente: Olhe, o que aconteceu em Honduras foi um ato de insanidade de uma parte dos políticos hondurenhos. Ora, você tem um presidente eleito democraticamente, que queria fazer um referendo popular. Ora, por conta disso, ele não poderia ser tirado da sua casa às cinco e meia da manhã e levado para outro país e, no mesmo dia, em um domingo, o Congresso elegeu um novo presidente da República. Ou seja, o que é mais democrático? É um presidente querer uma consulta popular para um referendo ou os militares tirarem o presidente de madrugada e eleger via indireta um outro presidente? Esse caso de Honduras é um caso *sui generis* porque há uma unanimidade internacional contra o golpe – a Unasul, o Mercosul, (incompreensível), a União Européia, os Estados Unidos, a OEA, a ONU, todo mundo desaprovou. Ou seja, o Brasil tomou a decisão, não apenas de condenar, mas tiramos o nosso embaixador de Honduras e vamos paralisar todos os projetos de cooperação. É



preciso fazer os golpistas hondurenhos acreditarem que a democracia precisa ser respeitada e que nós não podemos admitir mais golpes militares no nosso continente. Já vivemos muito isso na década de 60, já superamos isso e agora queremos que a democracia seja levada às últimas consequências.

Jornalista: O Brasil (incompreensível) sanções contra Honduras?

Presidente: O Brasil fará qualquer coisa, o Brasil fará qualquer coisa que seja decidida pela ONU para restabelecer a democracia em Honduras.

Jornalista: O que o senhor (incompreensível) e a América do Sul, o que o senhor pode nos falar dessa (incompreensível)?

Presidente: Olhe, eu sou um político e eu acho que as relações entre os dirigentes políticos é o primeiro passo para que a relação cultural, comercial, avance muito mais. Ou seja, os países da América Latina, ou da América do Sul, muitos têm muitas ligações com a Europa, até porque foram todos colonizados (incompreensível). Então, como o Brasil era antes, muita gente tem relações com a Europa e com os Estados Unidos, e o continente africano é uma coisa muito distante. O que nós queremos com essa reunião é que se restabeleça uma proximidade e que a gente fortaleça a relação Sul-Sul, que é muito importante para os países. Você viu os dados de comércio aí, que mostram a importância de fortalecer as nossas relações. Por isso, eu sou um entusiasta da relação África-América do Sul.

Jornalista: (incompreensível) ...está criando um novo bloco, (incompreensível) um novo bloco (incompreensível)?

Presidente: Olha, eu não sei se vai resultar num novo bloco, mas é importante



que a gente esteja organizado, porque nós temos muitas similaridades, nós temos muitos problemas que são iguais em todos os países. O potencial de troca comercial entre nós é extraordinário. Ou seja, e nós poderemos fazer uma política internacional menos protecionista do que fazem os países ricos com os países pobres.

Jornalista: Só um minutinho, Presidente, porque a fita dele, aqui, tem que trocar. O senhor pode repetir essa última...

Presidente: Eu estou dizendo que entre África e América do Sul, nós temos muito mais similaridades, ou seja, a aproximação entre nós vai permitir que a gente possa conhecer a possibilidade de cada país e, portanto, aumentar a possibilidade de fazermos negócios entre nós, e fazer um comércio mais justo, sem o protecionismo que os países ricos impõem aos produtos dos países (incompreensível).

Jornalismo: A última pergunta, Presidente, por favor. O Congresso americano está pensando em pedir desculpas oficialmente, formalmente, pela escravidão de (incompreensível) no passado. O que o senhor acha disso?

Presidente: Olha, eu pedi desculpas ao continente africano quando eu visitei a Ilha Gorée. Ali eu tive uma noção exata do que acontecia há 300 anos atrás, quando meninas e meninos, normalmente as pessoas mais saudáveis e mais fortes, entravam numa cela, e quando a porta abria tinha um navio negreiro, que levava eles para o Brasil, e eles nunca mais voltavam. Aí eu tive noção do sofrimento deles. E em nome do povo brasileiro eu pedi desculpas, pelo tempo de escravidão. Eu acho que se o Obama fizer esse gesto, é um gesto extremamente importante.



Jornalista: (tradutor) Ele entende a sua posição, Presidente. Ele está insistindo, querendo saber a sua visão, se o Congresso americano tomasse essa iniciativa.

Presidente: Não, eu acho que é muito importante que o Congresso americano tomasse essa iniciativa. Ou seja, eu acho que todos nós, os países colonizadores e os países que escravizaram, nós temos não apenas que pedir desculpas, mas é com política de solidariedade, com investimento em projetos de desenvolvimento que a gente pode fazer o reparo dos males que a colonização e a escravidão causaram.

Jornalista: A Itália, agora, pediu desculpas...

Presidente: Eu acho que é um exemplo. Só desculpas não resolve os problemas, é um gesto. Mas o que é importante é que os países ricos façam um pouco dos seus investimentos nos países pobres.

Jornalista: (incompreensível) é uma vítima dos poderosos do mundo. Não seria uma forma de poder entrar na África, (incompreensível)?

Presidente: Veja uma coisa: primeiro, eu acho que a África já tem experiência de sobra em ações colonizadoras, que a África não pode mais aceitar. Segundo, ultimamente nós temos visto alguns filmes, nos últimos anos, por exemplo, “Diamantes cor de sangue”, por exemplo, “O senhor das armas”, “O jardineiro fiel”. Essa quantidade de filmes mostra um pouco a perversidade de determinados dirigentes do mundo na sua ação com a África. A (incompreensível) da ideia de que a guerra é uma necessidade, sabe, de comércio. Por isso é que nós no Brasil defendemos o fortalecimento das Nações Unidas, o aumento de membros permanentes no Conselho de



Segurança, que envolva africanos, que envolva latino-americanos e que envolva outros países, porque do jeito que a ONU está hoje, ela está enfraquecida e ela tem pouco poder de intermediação nesses conflitos. Ou seja, acontece um conflito como esse, imediatamente a direção da ONU deveria chamar para si esse conflito e tentar colocar ordem, mas a coisa fica acontecendo, os anos vão passando e a ONU não toma decisão. E quando toma, os países que são responsáveis, sabe, pela violência, não obedecem, por quê? Porque o Conselho de Segurança representa uma geopolítica superada e não representa a importância dos países hoje.

Como é que se pode imaginar o Conselho de Segurança da ONU, os membros permanentes, não ter uns dois países africanos? Como é que podemos imaginar a Índia de fora? Como é que pode imaginar o Brasil de fora? Agora, veja, o Reino Unido quer fazer mudança, a França quer fazer mudança, os dois países fazem parte do Conselho. Agora, por outro lado, há uma contradição. Os cinco maiores vendedores de armas do mundo são os membros permanentes do Conselho de Segurança. É, no mínimo, uma contradição gravíssima. Então, nós vamos continuar lutando para que a ONU seja melhor representada, para que ela tenha mais força e para que ela seja a instância de pacificação dos conflitos no mundo. Está bem?

Jornalista: O conflito no Oriente Médio (incompreensível)

Presidente: Olhe, eu tenho... Primeiro, eu tenho o desejo – e há muito tempo, antes de ser presidente da República – de que haja paz no Oriente Médio, que haja o Estado de Israel e que haja o Estado Palestino e que os dois possam viver democraticamente como seres humanos, como irmãos, crescendo, se desenvolvendo e gerando riquezas para os seus povos.

Acontece que é preciso saber quais os países que têm interesse que tenha paz efetivamente no Oriente Médio e quais são os países que não



querem a paz. Se você não conseguir juntar todos os envolvidos em uma mesa de negociação, a começar das divergências internas, as divergências dentro de Israel, as divergências dentro da Palestina, ou seja, nem o governo de Israel nem a Autoridade Palestina podem apresentar uma proposta de paz que o seu público interno não concorde.

Primeiro, nós temos que nos acertar internamente, ou seja, todos os israelenses e todos os palestinos terem uma única proposta. Nós ainda temos que ver quais os países que estão envolvidos no Oriente Médio. Aí temos que ver quais os interesses europeus, quais os interesse americanos, e colocar interlocutores que não estejam envolvidos diretamente no conflito, para tentarem encontrar o caminho da paz.

Veja, a paz no Oriente Médio não pode ser uma coisa dos Estados Unidos. A paz no Oriente Médio tem que ser uma coisa que a ONU deveria assumir. A ONU deveria ser a grande coordenadora da paz no Oriente Médio. E aí eu volto à mesma tese anterior: para isso, ela tem que ter força. É a ONU que teria que estar negociando a paz, sabe, porque não pode ser tratado o conflito do Oriente Médio como uma coisa particular dos Estados Unidos. Tem que ser tratada como uma questão das Nações Unidas e isso não fica claro, e a ONU tem um papel secundário.

Está bem?

(\$31DGJMQ)